

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO CONTEXTO DA INTERNET: uma análise crítica da utilização do Facebook¹

Clara Caroline Costa Almeida*²
Eryvelton Monteiro da Silva
Ravenna Monteiro Filocreão da Silva
Vilandir Ismael Gonçalves do Nascimento^{3**}

RESUMO

Esta pesquisa propôs como tema de estudo *As variações linguísticas no contexto da internet: uma análise crítica da utilização do Facebook*, tendo como principal problema se as variações linguísticas existentes no Facebook afetam a produção escrita da norma culta de seus usuários, com o enfoque da pesquisa nos alunos do terceiro ano do Ensino Médio. O objetivo geral desta pesquisa é descobrir se a utilização frequente das variações linguísticas na rede social Facebook afeta a produção escrita na norma culta de seus usuários. A hipótese levantada foi que a utilização frequente dessa nova variação linguística não afeta a produção escrita na norma culta dos alunos. Desta forma, para a realização do trabalho foram consultadas fontes bibliográficas diversas como: David Crystal (2010), Rajagopalan (2013), Thurlow (2001), Cipro Neto (2009), Rousseau (1989), Martim (2003) e Weedwood (2002); posteriormente, desenvolve-se a pesquisa de campo através de uma abordagem quali-quantitativa, através de uma pequena abordagem acerca do assunto de variações linguísticas, gramática e norma culta; logo após houve a aplicação de questionários com perguntas abertas à professora e aos alunos sobre a utilização do internetês e a sua possível interferência na norma culta da língua portuguesa, além de coletar dados de alunos que disponibilizaram seus Facebooks para a observação online. Após as análises feitas nos questionários e na observação pela rede social Facebook, constatou-se que não há interferência do internetês em suas produções formais escritas.

Palavras-chave: Variações linguísticas. Facebook. Norma culta. Professor. Alunos.

* Acadêmicos do Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Língua Inglesa a e suas respectivas literaturas do Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP/AP. E-mail: claracosta68@hotmail.com / eryveltoms@gmail.com / ravenafilocreao@gmail.com

** Licenciado em Letras – Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas e Especialista em Linguística Portuguesa pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP / AP. Bacharel em Teologia pelo Instituto Adventista de Ensino – IAE. Docente no Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP, nas disciplinas de análise de discurso, latim e psicolinguística. E-mail: vilandirismaelg@hotmail.com

¹ Trabalho apresentado em Junho/2017, no Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP, como instrumento avaliativo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

INTRODUÇÃO

A internet é uma das maiores invenções comunicativas de todos os tempos. Desde sua criação, sabe-se que a sociedade e o mundo em que se vive já não são mais os mesmos. As pessoas se comunicam de forma rápida e sucinta, criando novos vocabulários, gírias e novas formas de comunicação. Tudo se tornou mais acessível na era digital, o que pode influenciar massivamente na área educacional. A maioria das instituições de ensino situadas no mundo já adotou as tecnologias interligadas à internet para seu sistema de ensino, porém, no Brasil, não se vive plenamente essa realidade, pois adolescentes e jovens ainda são influenciados negativamente por essa onda de informações que a internet proporciona.

Através da internet, pode-se comunicar e conhecer pessoas, por meio de sites denominados redes sociais. A exemplo disto tem-se o Facebook, site criado por Mark Zuckerberg no ano de 2004. Esta rede obtém um acréscimo significativo em seu número de usuários e recursos comunicativos a cada ano. Nota-se que grande parte de seus usuários são adolescentes e jovens a partir de 14 anos, o que pode-se dizer que existem benefícios e malefícios, dependendo de como essa ferramenta pode interferir na vida destes usuários.

Partindo do pressuposto de que adolescentes e jovens passam mais tempo interagindo nesta rede social, e utilizando a sua linguagem no dia-a-dia com mais frequência, observou-se a relevância de pesquisar acerca do referido tema, para então destacar que, através do uso repetitivo de variações linguísticas utilizados nas redes sociais, pode-se ter uma influência positiva ou negativa acerca do estudo da norma padrão da língua portuguesa.

O presente trabalho inicia-se pela fundamentação teórica, que explana acerca do histórico da linguagem, a empregação da norma culta na sociedade, os meios de comunicação associado à evolução do discurso e linguagem cibernética *versus* norma padrão. Em seguida, aborda-se acerca da metodologia do desenvolvimento do trabalho, qual utilizou a linha de pesquisa bibliográfica como base para a coleta e explanação dos dados coletados dentro da pesquisa de campo (escola pública) e finalizando com a apresentação e análise dos resultados obtidos através de questionários e observações.

Ressalta-se que obteve-se maior clareza das informações obtidas na pesquisa bibliográfica quando foi realizada a análise dos questionários utilizados na aplicação

da pesquisa de campo, qual a partir da interação de conhecimento técnico e relações humanas (pessoa – pessoa), pode-se verificar o quanto a linguagem influencia na linguagem do jovem de hoje.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A LINGUAGEM E A SOCIEDADE

Sabe-se que a linguagem é a ação que as pessoas realizam para interagir entre si, expressando opiniões, sentimentos e pensamentos, realizar tarefas do dia-a-dia, planejar ações e pensar sobre acontecimentos do passado são atos humanos e são estabelecidos pela linguagem e na linguagem. O surgimento dela é um acontecimento fundamental na história humana, sem isso não seria possível a organização dos seres humanos em sociedade. Há várias teorias que procuram explicar a origem e a história da linguagem humana. Não é fácil determinar exatamente quando a linguagem começou.

Inicialmente, uma das primeiras tentativas de explicar a origem da linguagem é de caráter religioso, por exemplo, o relato da Torre de Babel. Na Bíblia, o livro de Gênesis descreve que "o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras" (Gn 11:1). Mas, os homens decidiram inventar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornariam poderosos. Então Deus, como castigo, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim sendo, os construtores da torre se espalharam e a obra ficou incompleta. A variedade das línguas surgiu, nesse contexto, como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa confusão.

A maioria das sociedades remotas usam esse tipo de história mítica para explicar a origem da linguagem ou a diversidade das línguas. Há também explicações derivadas da filosofia, como a do filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) julgou que a linguagem humana provavelmente evoluiu pouco a pouco, a partir da necessidade de demonstrar os sentimentos, até formas mais complexas e abstratas.

Para Rousseau (1989) a primeira linguagem do homem foi o "grito da natureza", que era usado pelos primeiros homens para implorar socorro no perigo ou

como alívio de dores violentas, mas não era de uso comum. A linguagem propriamente dita só teria começado:

[...]quando as ideias dos homens começaram a estender-se e a multiplicar-se, e se estabeleceu entre eles uma comunicação mais íntima, procuraram sinais mais numerosos e uma língua mais extensa; multiplicaram as inflexões de voz e juntaram-lhes gestos que, por sua natureza, são mais expressivos e cujo sentido depende menos de uma determinação anterior. (ROUSSEAU, 1989, p. 35).

Porém, outros pensadores defendem a ideia de que os gestos são anteriores à linguagem falada. Com a necessidade de uma comunicação mais elaborada, a linguagem gestual vai evoluindo para uma linguagem mais sofisticada.

Outra contribuição muito importante sobre esse tema foi estudada pelo linguista americano Noam Chomsky (1986), em sua obra *Knowledge Of Language: It's nature, origin and use*, revolucionário da linguística, mostrou a relação entre o pensamento e a linguagem. Para ele, o indivíduo quando criança, tem pouca informação do idioma para conseguir aprender como a linguagem funciona. Apesar disso, a maioria das crianças tem um domínio aceitável da língua mais ou menos aos dois anos de idade. Mas a linguagem é um instrumento complexo com muitos detalhes semânticos, sendo assim, o que torna possível o aprendizado?

A explicação estaria na estrutura mental geneticamente determinada, na qual estaria fixado um conjunto de regras gerais para a utilização da linguagem, que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie.

O estudo da linguagem pode ser observado através do estudo da ciência explicada através das ideias de Saussure, publicadas em um livro póstumo por discípulos do mesmo, *Curso de Linguística Geral*.

Ferdinand de Saussure (*Curso de Linguística geral*, 1916) opôs nitidamente a língua (*langue*) e a fala (*parole*): a língua é um sistema inscrito na memória comum, que permite produzir e compreender a infinidade dos enunciados; a fala é o conjunto dos enunciados efetivamente produzidos. (MARTIM, 2003, p.54).

Essa ciência explana que a fala e a língua são duas coisas divergentes, sendo que a língua não é concreta, ela é social e externa, sendo assim, só existe entre os homens em sociedade. Gestos, sons, imagens diversas e imprevistas, rodeiam a vida do homem moderno, formando mensagens de toda ordem, transmitidas pelos

mais diferentes canais, como televisão, cinema, imprensa, propaganda e outros. Em todos, a língua desempenha um papel principal, seja em sua forma oral ou escrita. E, por meio dela, o contato com o mundo que nos cerca é permanentemente atualizado.

Realmente, não há entre a sociedade e a língua uma relação de mera causalidade. Todo ser humano a partir do nascimento e do mundo que interage, depara-se com esta variedade de possibilidades comunicativas que se tornam cada vez mais reais, a partir do momento que inicia-se a formulação de nossas próprias mensagens. Assim, toda a nossa vida em sociedade conjectura um problema de troca e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum que dispomos para tal ato.

O objetivo da linguística teórica é a construção de uma teoria geral da estrutura da língua ou de um arcabouço teórico da geral para a descrição das línguas. O objetivo da linguística aplicada é, como diz o próprio nome, a aplicação das descobertas e técnicas do estudo científico da língua para fins práticos, especialmente a elaboração de métodos aperfeiçoados de ensino da língua. (WEEDWOOD, 2002, p.11)

A linguística aplicada aborda problemas que vão além das simples relações entre língua e sociedade, porque sua finalidade seria a comparação da estrutura linguística com a estrutura social.

1.2 A IDEALIZAÇÃO E EMPREGO DA NORMA CULTA NA SOCIEDADE

Para Eckersley (2005) a primeira gramática de que se tem notícia é a de Pānini para o sânscrito. Mas também é aceitável dizer que o estudo formal da gramática teve início com os gregos, advindo de um aspecto filosófico, já que os gregos apreciavam tanto as diversas questões do conhecimento e da natureza, assim descobriram ou refletiram sobre a estrutura da língua. Dionísio, o Trácio, gramático grego, escreveu a "Arte da Gramática", sendo esta a obra que embasou a gramática grega, latina e de outras línguas da Europa até o Renascimento.

Platão chegou à conclusão de que o significado original das palavras, imposto em concordância com natureza, foi obscurecido em diversos casos pela passagem do tempo, e que a etimologia pode frequentemente ajudar a recuperar o significado verdadeiro e original. "Por *etymologia* entende-se um tipo de explicação semântica,

em vez de um tipo de explicação primordialmente fonológica da etimologia histórica a que estamos habituados” (WEEDWOOD, 2002, p. 36). O conteúdo de uma gramática e seus vários aspectos não tem mudado da antiguidade para a modernidade, pois classifica e explica categorias semânticas, e lista as irregularidades morfológicas.

Esse tipo de gramática ainda não existia até o início do século XX, vindo a surgir dentro do "Handbook of American Indian Languages" (Manual das Línguas Indígenas Americanas) (1911), do antropólogo Franz Boas, provocando uma mudança na gramática tradicional ao estudar línguas não indo-européias quais precisavam de depoimentos escritos. Dentro da língua portuguesa, a primeira gramática conhecida tem como autor Fernão de Oliveira, sendo publicada na cidade de Lisboa no ano de 1536, com o título “Grammatica da Linguagem Portuguesa”.

O século XX trouxe avanços para o segmento gramatical em suas variações e metodologias, quando Noam Chomsky (1986) abriu a discussão sobre a possibilidade da linguagem não ser presa à classificação de dados, mas que também valorizasse a teoria para uma melhor análise, estudo esse conhecido hoje como gramática. A função da mesma é envolver apenas as frases gramaticais, ou seja, as que pertencem à língua, não ditando regras concretas para sua utilização.

Partindo deste conceito surge a Gramática Gerativa, onde se utiliza um número limitado de regras para gerar um número infinito de sequências. Esse processo foi considerado dedutivo, porque inicia-se do é abstrato até que se chegue ao concreto, ou seja, as frases existentes na língua. Com essa proposta que a teoria da linguagem deixa de ser apenas descritiva passando a ser também explicativa.

De acordo com Chomsky (1986), a gramática gerativa é uma gramática explícita que se preocupa com a forma e o significado das expressões dessa língua, fazendo uma análise em conjunto com a mente/cérebro do indivíduo.

A gramática internalizada nasce de uma concepção gerativista da linguagem e não prescinde de uma visão interacionista do processo de aquisição e amadurecimento da linguagem. Isso significa que essa gramática tem como pressuposto um conceito de língua que se produz nas relações sociais vividas pelo falante, produzida também pelo falante que opera sobre a linguagem construindo hipóteses a respeito de seu funcionamento. (BRITO, 1992, p. 238)

Depois de dada essa noção do conceito de gramática internalizada não houve mais o entendimento de erro, tendo em vista que, segundo o objeto da linguística, passou a ser um componente do mundo natural.

Atualmente, a Gramática tem como principais funções: regular a linguagem e estabelecer padrões de escrita/fala. Somente com a utilização da Gramática, a língua pode ser analisada e preservada, apresentando unidades e estruturas que permitem o bom uso da língua portuguesa.

Segundo Geraldi (2002) uma coisa é saber a língua e dominar as suas habilidades de uso em situações concretas de interação, outra coisa é saber analisar a língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, apresentando suas características estruturais e de uso.

A gramática histórica é mais abrangente, pois estuda os fatos de uma língua, que vai desde a origem até os dias atuais, ficando óbvio objeto da gramática histórica é muito mais amplo que o da gramática expositiva, descritiva ou gerativista.

Entretanto, nem todas as línguas têm um passado, logo, nem todas são suscetíveis de possuir uma gramática histórica, assim como as transformações não aconteceram sem uma fundamentação e nem foram produzidas por moda ou ainda capricho, mas obedecem as tendências naturais. É necessário que ocorra a constância e a regularidade, que são os princípios estudados na gramática histórica.

1.3 OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A EVOLUÇÃO DO DISCURSO

Os primeiros relatos da história da comunicação datam de 3.800 a.C., munidos de argila, carvão vegetal e afins. Não existia neste período padronização ou organização com as pinturas rupestres, quais conseguiam transmitir desejos e necessidades, dessa forma trocando mensagens e passando ideias.

O homem primitivo fez seus primeiros registros nas paredes de suas cavernas, inaugurando assim, um processo que nunca mais parou de evoluir. Da arte rupestre evoluiu-se para a escrita, surgindo assim a comunicação com o auxílio de padrões alfabéticos, que moldam o sistema de escrita moderno.

Segundo McLuhan (1964), no tempo em que se utilizava a filosofia de Platão, a palavra escrita tinha criado um novo ambiente, que já começara a destribalizar o homem.

Anteriormente, os gregos se formavam graças ao processo da enciclopédia tribal. Tinham memorizado os poetas. Os poetas proviam uma sabedoria operacional específica para todas as contingências da vida — Ann Landers em verso [Autora de uma espécie de enciclopédia popular (N. do T.)]. Com o advento do homem individual destribalizado, uma nova educação se fez necessária. Platão delineou esse programa para os alfabetizados, um programa baseado nas idéias. Com o alfabeto fonético, o conhecimento classificado tomou o lugar do conhecimento operacional de Homero e Hesíodo e da enciclopédia tribal. Desde então, a educação por dados classificados tem sido a linha programática no Ocidente. (MCLUHAN, 1964, p. 09)

Segundo Bordenave (1997, p. 16/17), não se pode existir comunicação sem sociedade, muito menos sociedade sem comunicação. Mesmo com tantos registros históricos acerca da passagem mutável da escrita e comunicação, ainda assim é uma tarefa árdua escrutinar em uma forma sequencial uma cadeia de eventos que culminou no resultado que tem-se no mundo moderno em constante evolução dos processos comunicativos.

O ato de comunicar-se está atrelado a cultura de cada povo, diferenciada por seus próprios códigos e significados. Há toda uma gama de elementos envolvidos na comunicação, como o movimento corporal, trajes, olhares e estilo pessoal e até mesmo o silêncio é tomado como forma de passar uma ideia. Dessa forma é praticamente impossível ater-se ao ato de expressar-se e passar despercebido na troca de informações.

Segundo Baitello (1997, p.11), “Todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo. O que se denomina “comunicação” nada mais é que a ponte entre dois espaços distintos”. Considerando a demarcação espacial o intervalo entre o emissor e interlocutor o processo de início, meio e fim de uma ação de transmissão de informação, a humanidade criou meios de estreitar o tempo e espaço levado para chegar do ponto A ao ponto B.

É preciso ressaltar que a criação de recursos e estratégias para tornar possível o registro e divulgação de informações nunca teve limites. Do sinal de fumaça à invenção do telégrafo, muito se avançou no quesito das ferramentas de transmissão de comunicação em massa.

A revolução industrial que em pouco mais de um século (entre 1840 e 1870) trouxe um grande progresso com a construção em larga escala, principalmente com relação à construção de fábricas, em sua terceira fase começa uma corrida tecnológica, qual beneficia e dá início aos meios de comunicação em massa.

Nesse sentido, as atividades que mais se destacam no mercado estão vinculadas à produção de computadores, softwares, microeletrônica, chips, transistores, circuitos eletrônicos, além da robótica com grande aceitação nas indústrias, telecomunicações, informática em geral. Destacam-se ainda a expansão de transmissores de rádio e televisão, telefonia fixa, móvel e internet, indústria aeroespacial, biotecnologia e muitas outras inovações. (FREITAS, [201-?]. Em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2017)

De certa forma, foi graças a esses conflitos que surgiram novos avanços que possibilitaram uma nova leva de ferramentas tecnológicas. Dentre elas o computador, fax, e posteriormente, o celular. Porém, dar-se-á um enfoque maior a evolução computacional, pois é por meio dela que surgirá as redes sociais posteriormente.

A primeira geração de computadores ocupava uma sala inteira e servia para armazenar dados possuindo apenas dois níveis de linguagem de programação, a linguagem da máquina, onde se criava a estrutura de programação e a lógica digital que ficava responsável por executar os programas.

Após essa fase de introdução, uma nova fase, a dos programas operacionais surgiu, inovando com uma geração de computadores (de 1956-1963) mais avançados, impulsionados pela criação de transistores, fitas magnéticas e discos de armazenamento, transformando-os em máquinas de grande e veloz desempenho. Nesse mesmo período surgiram as copiadoras, ferramentas importantíssimas até hoje.

Com o aperfeiçoamento cada vez mais rápido e eficaz da tecnologia, outro passo homérico foi dado. Os soviéticos puseram em órbita o primeiro satélite, o Sputnik, em 1957 nublando por um breve período o foco da evolução do computador. Então foi dada largada para uma corrida tecnológica de grande escala. Agora as televisões faziam transmissões via satélite, superando as transmissões por ondas curtas; posteriormente até os celulares alcançariam esse vínculo.

Os centros de estudos responsáveis por grande parte da evolução tecnológica foram as universidades, que mantinham contato direto com o departamento de defesa, que vendo nessa tomada de frente por parte do rival, propuseram uma nova forma de transmissão de dados e foi dentro desse contexto que surgiu a internet.

Leiner et al (2002) diz que a internet é, ao mesmo tempo, uma capacidade de difusão mundial, um mecanismo de disseminação de informações e um meio de

colaboração e interação entre indivíduos e seus computadores, independentemente da localização geográfica.

A evolução dessa larga rede de comunicação influenciou de forma direta a vida de várias pessoas, pois a comunicação se tornou mais rápida e eficiente, diminuindo assim a distância interpessoal entre os indivíduos.

Com o surgimento em 1969 para fins militares, a internet evoluiu com o passar dos anos, não se limitando somente ao que lhe foi destinado no início, mas também a inúmeras situações de cunho, social, político, cultural, dentre outras atividades que envolvem as questões científicas e empíricas.

A primeira etapa da Internet surgiu em 1969, de um projeto do *Department of Defense* (DoD, Ministério da Defesa) dos EUA. Chamava-se ARPANET e tinha como objetivo a interligação em rede de computadores utilizados em centros de investigação para fins militares. (LEINER et al, 2002. Em: <http://www.internetsociety.org/sites/default/files/Brief_History_of_the_Internet.pdf> Acesso em: 18 outubro 2016)

Apenas em 1989 a internet foi expandida a nível global; dessa forma dando um novo significado para o termo globalização. Sendo popularizada de forma aberta como sistema em hipermídia, qual reúne mídias interligadas por sistemas eletrônicos de comunicação.

Ao padronizar os sistemas de informação com todos os computadores, ficou possível ao cidadão comum acessar e interagir com qualquer outra pessoa ao redor do planeta em velocidade instantânea. As aplicações são diversas, sendo uma ferramenta moderna para o homem moderno e, então, o uso da internet desdobra-se das maneiras mais simples até as mais complexas.

Leiner et al (2002) continua dizendo que de 1969 até os dias atuais houve muitos progressos intensificando sua utilização por todos os continentes no contexto mundial.

A exemplo disso, no ano de 2003, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Chris Hughes e Dustin Moskovitz criaram um software para o site Facemash quando eles ainda estavam no segundo ano da faculdade. O site foi programado para ser um jogo entre os estudantes de Harvard, mostrando aos visitantes duas fotos de estudantes lado a lado para serem escolhidos os mais atraentes, esse jogo era conhecido como “hot or not”.

Em 2004, foi lançado o protótipo thefacebook, nome antigo dado à atual rede social Facebook.

Inicialmente, a participação no site era restrita para estudantes da Universidade de Harvard. No primeiro mês, mais da metade dos estudantes já estavam cadastrados. Eduardo Saverin (negócios), Dustin Moskovitz (programador), Andrew McCollum (designer gráfico) e Chris Hughes logo se juntaram a Zuckerberg para ajudar na promoção do site. (PHILIPS, 2007. Em: <https://www.theguardian.com/technology/2007/jul/25/media.newmedia>>. Acesso em: 08 mai. 2017)

O nome “Facebook” foi incorporado em janeiro de 2004 e o empresário Sean Parker, que vinha aconselhando informalmente Zuckerberg para ampliação desta rede social, por isso tornou-se o presidente da companhia. Com o passar dos anos, a empresa foi crescendo e ganhando o mundo. Então, em fevereiro de 2011, o Facebook se tornou não somente o maior servidor de fotos online, mas também, uma das maiores redes de comunicação mundial.

Logo, nota-se que a internet configura uma nova era tecnológica, de criação de redes de relações interpessoais. E, como em qualquer relação em um grupo ou tribo, há uma linguagem diferenciada, utilizada somente por aquele público, nesse contexto verifica-se a linguagem tecnológica.

A linguagem é a característica que nos difere dos demais seres, permitindo-nos a oportunidade de expressar sentimentos, revelar conhecimentos, expor nossa opinião frente aos assuntos relacionados ao nosso cotidiano, e, sobretudo, promovendo nossa inserção ao convívio social. (DUARTE, [201-?]. Em: <<http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>>. Acesso em: 08 mai. 2017)

Esta rede social pode ser considerada uma comunidade, pois nela pode ser encontrado pessoas de diversas tribos e culturas, porém, compartilhando coisas em comum, como fotos, vídeos, textos etc.

Segundo Bott (1957), as relações sociais são como pontos ligados por linhas, e tais pontos simbolizam uma tribo ou grupo social. Cada uma dessas linhas representa um discurso, e como os discursos não possuem necessariamente a mesma forma, logo, dentro de cada tribo ou grupo havia um discurso diferente.

Porém, com o cruzamento das linhas entre si, há conexões e criações de novos discursos dentro desse mesmo grupo de tribos. Dentro desta análise, conclui-se que a linguagem está sempre em transformação, de acordo com a interação das tribos com o restante do mundo.

Cagliari (2001) diz que a linguagem é um fato social e sobrevive às convenções sociais que são admitidas por ela. Os jovens estão falando da mesma forma que seus amigos, e se entendem, e é por isso que essa linguagem criada por eles é especial, ela retrata a fala. Eles agem como se estivessem conversando e não escrevendo, a linguagem tem de ser rápida, escrita de forma concisa e abreviada.

1.4 LINGUAGEM CIBERNÉTICA *VERSUS* NORMA PADRÃO

A nova linguagem adquirida pelos jovens da atualidade é o internetês e isso é um fato. Essa variante linguística muito comum, utilizada em redes sociais com bastante frequência, vem sendo objeto de desconfiança das gerações mais velhas e de grande familiaridade para as mais jovens, principalmente para quem se entrega aos encantos da internet, como já se havia falado. Porém, para muitos estudiosos, permanece um grande enigma: que desafios esse linguajar apresenta para a linguística?

O autor Kanavillil Rajagopalan (2013, p. 37) defende o argumento de que:

No que se segue, sustento o argumento de que é muito mais sensato compreender o internetês como algo sintomático dos tempos em que vivemos, marcados por uma série de características, como facilidade, a rapidez de comunicação, assim como a espontaneidade e o laconismo nas formas de transmitir as mensagens.

Toda inovação tecnológica costuma ser saudada com reações imediatas, gerando situações que, muitas vezes, são paradoxais. Ao mesmo tempo em que há pessoas que celebram este novo invento e os prováveis benefícios que este o trará, há outras que acabam se fazendo por céticas, desconfiadas, prevendo todo e qualquer desastre que este provável invento trará futuramente.

Rajagopalan (2013) compara esta aversão ao internetês, qual muitos tradicionalistas possuem, ao invento do telefone móvel, por conta de muitos ainda acreditam que o mesmo cause câncer cerebral, embora há provas científicas até o momento que digam o contrário. E ainda reforça que é impressionante como tais opiniões são nutridas e defendidas sem ter nenhuma sustentação plausível.

Por volta de 1450, Gutenberg criou a prensa móvel, qual servia para aplicar pressão numa superfície com tinta, transferindo-a para uma superfície de impressão,

geralmente papel ou tecido. Rajagopalan (2013, p. 39) relembra como esta nova invenção mexeu com a sociedade de forma negativa:

Houve, desde o início, quem expressasse alarme e repulsa. Houve, inclusive, quem concluísse que a imprensa era a invenção do diabo. O fato em si não deve surpreender ninguém, visto que até mesmo a introdução da escrita foi saudada com apreensão e desconfiança por ninguém menos que Platão.

Esta afirmação foi relatada por Gerald Stearn em seu livro chamado *Hot and Cool* (1981, p. 123):

Platão viu a escrita como uma revolução notadamente destrutiva. Desde aqueles tempos, nós passamos por tantas revoluções para chegarmos a conclusão de que todo meio de comunicação é uma forma de arte única que dá saliência a um conjunto de possibilidades humanas a custo de outro.

Rajagopalan (2013) diz que se a passagem da escrita do manuscrito para o texto impresso causou consternação na época e não menos alarmante está sendo o uso contemporâneo do internetês pelos usuários da internet em vários lugares do mundo. No caso do surgimento da imprensa, quem de fato se sentiu acuado foram os copistas, assim como os amanuenses que logo viram a decadência de sua profissão e dos privilégios que este ofício lhes propiciava. No caso da internet e do avanço do internetês, quem vê sua razão ser ameaçada são os autoproclamados guardiões da língua e os gramáticos, os arautos da correção gramatical.

Pasquale Cipro Neto (2009) respondeu sobre qual o balanço que ele fazia da assimilação do internetês no nosso idioma no site Educacional:

Eu faço um balanço tranquilo. As coisas estão no seu devido lugar. A linguagem da Internet é ótima na Internet. Ela não ganhou status de língua padrão, porque representa um segmento diferente. É uma linguagem funcional, cumpre o seu papel e deve ser vista assim. Os arautos da falsa modernidade diziam que essa linguagem iria tomar conta de tudo. Mas não há um jornal escrevendo em internetês. Ainda há muito educador vendo isso com olhos tortos, o que é um problema muito sério, porque não se deve condenar essa linguagem. Só se deve dizer à garotada que essa é apenas “uma das roupas que é preciso ter no guarda-roupa”. Ou seja, que ela é adequada para uma situação, não para todas. (CIPRO NETO, 2009. Em: <http://www.educacional.com.br/entrevistas/interativa/educadores_pais/entrevista019.asp>. Acesso em: 08 de mai. 2017)

Para alguns estudiosos da internet, como os autores David Crystal (2010) e McLuhan (1964), o internetês é apenas uma forma de transmitir mensagens

utilizando uma escrita reduzida que imita a modalidade da fala. Assim, por conseguinte, eles entendem que os efeitos do internetês são, de certa forma, nocivos à norma culta e prejudiciais à juventude, que, uma vez tendo esses “vícios de linguagem”, fica impedida de seguir com eficiência as regras da escrita culta.

Segundo David Crystal (2010), a internet tem feito com que a linguagem evolua para uma nova forma de comunicação, diferente em aspectos fundamentais das formas conversacionais tradicionais da fala e da escrita. Pode-se ver essa evolução em inúmeras publicidades e propagandas atuais, onde os publicitários utilizam da nova forma de linguagem do internetês chamada “meme” para atrair o público a um certo estabelecimento ou para consumir algum produto.

Os atributos que diferenciam a CMC [comunicação mediada por computador] da fala incluem a ausência de *feedback* simultâneo (vital para conversação bem-sucedida), a ausência da fonologia não segmental (ou da tonalidade da voz, que as emoções se esforçam para eximir, porém não conseguem) e sua habilidade de múltiplas interações simultâneas (como em salas de conversa em tempo real). Os atributos que diferenciam a CMC da escrita incluem sua dimensão dinâmica (através de efeitos como animação e atualização de páginas), sua habilidade de enquadrar mensagens (mediante cortar e colar e-mails) e sua hipertextualidade (apenas aludida na escrita tradicional via noções como as notas de rodapé). (CRYSTAL, 2010)

Dualismos como o da “fala *versus* escrita” são simplesmente insuficientes e incapazes para dar conta do novo meio, o internetês que acena para novas formas de letramento surgindo no horizonte. (Toschi, 1996; Topping, 1999).

Segundo Rajagopalan (2013), por incrível que isso possa parecer à primeira vista, o internetês tem como seu conteúdo não a mensagem, mas a escrita convencional. Analisando profundamente cada frase, cada texto que é dito na internet, em mensagens via Whatsapp, Facebook e outras redes sociais, pode-se perceber claramente que a forma pela qual essa nova linguagem passa sua mensagem é feita através de uma linguagem que imita a nossa fala, e até mesmo pode modificá-la com o passar do tempo.

Por exemplo, atualmente observa-se que jovens entre 14 e 15 anos utilizam gírias em coreano na internet por conta da propagação da cultura da música pop coreana nos últimos anos. Esses jovens se adequam ao que está em alta no momento para a idade deles, assim como os jovens de 17 e 18 anos já utilizam um linguajar um pouco diferenciado, mais elaborado, ainda internetês, porém com referências a outras coisas, como por exemplo, a atual crise política do nosso país.

Ainda assim, Rajagopalan (2013) diz que a reação dos adultos ao uso do internetês pela juventude é análoga à atitude que eles têm demonstrado em relação ao uso de tipos de comunicação como a língua do pê.

Como já disse, eles se sentem excluídos e discriminados, às vezes até ofendidos, por entender que os usuários da língua do pê estão se enclausurando num linguajar especialmente talhado para tal fim. Talvez haja um pouco de verdade nessa percepção de quem não está devidamente “entrosado”. (RAJAGOPALAN, 2013. P. 43)

A alusão à língua do pê traz para o debate um elemento muito interessante em que se pensar: qual a semelhança entre o internetês e a língua do pê (outras línguas artificiais do gênero)? Rajagopalan (2013) responde essa pergunta icônica, traçando que embora os objetivos de quem usa a língua do pê sejam claramente diferentes dos de quem utiliza o internetês em seu dia a dia, há um aspecto em que os dois linguajares parecem caminhar no mesmo sentido: são frutos de trabalhos sobre a escrita usual para transmitir mensagens.

Em ambos os casos, o que tem-se, primeiramente, são algumas adaptações ou abreviações efetuadas a fim de reduzir o tamanho do recado transmitido. Ou seja, a “matéria-prima” que alimenta tanto as línguas artificiais como a língua do pê e o internetês é a própria escrita convencional (de uma língua padrão) e não uma ideia ou mensagem.

É importante, no entanto, não concluir apressadamente que o internetês é nada mais do que uma abreviação grotesca da língua padrão. Uma comparação do internetês com o “agora-já-ultrapassado” telegrafês talvez traga à tona um importante aspecto dessa “novilíngua” ainda em fase de construção (BARTON, 1998: PG. 37-67)

Os pontos comparativos são, basicamente, a rapidez da comunicação (e não o desejo de ser compreendido por pessoas além do destinatário) e o mais importante, o limite sobre o número de palavras, tendo em vista o custo financeiro que isso possa acarretar (como o consumo de dados móveis caso o usuário esteja utilizando a internet via telefone móvel) ou pelas limitações impostas pelo próprio meio (como a rede social Twitter, que limita o usuário a utilizar apenas 140 caracteres por publicação).

Todavia, as mudanças mais inimagináveis estão ainda por vir, como Standage (1998) nos alerta:

Foi o destino da telegrafia ser ofuscada por muitas de suas proles, pelo telefone em particular, o qual foi considerado à época meramente uma pequena variação tecnológica (o “telégrafo falante”), porém acabou sendo bem mais popular. [...] A mesma coisa está acontecendo com a internet, que está sendo incorporada a outros engenhos, em vez de ser acessível apenas mediante a um PC. (STANDAGE, 1998: 216-7)

Uma característica do internetês que chama atenção, e sobre a qual relativamente pouca pesquisa aprofundada vem sendo dedicada até o momento, é de que se está diante de uma língua ainda em construção - uma língua sendo moldada de acordo com as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida constantemente pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários.

Rajagopalan (2013: pg. 45) diz que: “trata-se do fato de que muitas das mudanças estão sendo provocadas de baixo para cima.” Ou seja, de forma diversa de outras línguas reconhecidas como artificiais, que literalmente saem das pranchetas de seus criadores, o internetês não tem um único criador.

Segundo Rajagopalan (2013) talvez a questão mais controversa de toda a nossa discussão seja o possível impacto da tecnologia sobre a língua (no aspecto convencional). Essa questão, no fundo, nada mais é do que uma reformulação da afirmação categórica de McLuhan (1964) de que “o meio é a mensagem”, ou seja, à medida que muda o meio, muda também a mensagem.

Isso porque, se a mensagem não mudasse conforme o meio que a carrega e transmite, ou se a tecnologia fosse tão somente um instrumento, um meio encarregado de levar o conteúdo ao destinatário, não haveria por que se preocupar tanto com inovações tecnológicas, afinal, seus possíveis efeitos nocivos seriam passageiros e não deixariam, como temem alguns, vestígios indelévels. (RAJAGOPALAN, 2013: PG. 45)

Como Thurlow (2001) assinala, “Na medida em que as tecnologias de comunicação continuam a se desenvolver e se transformar, o mesmo acontecerá com as formas linguísticas e práticas comunicativas correspondentes” (Thurlow, 2001: 289)

No artigo “The Politics of Language and the Concept of Linguistic Identity”, Rajagopalan (2001) frisa que um grandes engodos no pensar sobre o funcionamento da linguagem é achar que é a disponibilidade de uma língua comum que possibilita a comunicação entre dois indivíduos aleatoriamente escolhidos, porém o que de fato ocorre é exatamente o contrário: a disposição para entender um ao outro, o desejo

que um sente para estabelecer amizade com o outro, é o que faz a gente dizer que tem uma língua a qual torna possível a interação entre os dois indivíduos.

Em outras palavras, a língua em si é apenas uma consequência do ato comunicacional e não ao contrário do que se pensa normalmente, que seria uma precondição. Não é de se estranhar, portanto, que a primeira coisa que alguém exclama quando há um desentendimento dele com outra pessoa é: "O fulano fala outra língua."

A internet está transformando nossas línguas. O alcance e a profundidade dessas mudanças é um assunto que ainda divide os estudiosos. David Crystal (2010) ao mesmo tempo que vê as mudanças em curso com naturalidade, não acredita que elas sejam tão drásticas.

Referindo-se ao mundo anglófono, o autor diz que as mudanças afetam basicamente a escrita e a despesa de certos vocábulos. "As mudanças mais perceptíveis seriam apenas estilísticas." (Crystal, 2010). Outros autores se revelam menos cautelosos, prognosticando mudanças mais significativas no futuro.

Para finalizar, Rajagopalan (2013) diz que há incerteza quanto ao tipo de mudança que o internetês é capaz de provocar na língua padrão. No lugar de especular no escuro sobre esse assunto, a forma mais proveitosa de abordar a questão é perguntar quais os fatores que estão do próprio internetês algo volátil, com rumos tão imprevisíveis.

Pode-se afirmar que o internetês é um linguajar que está evoluindo sem a supervisão ou o controle de algum órgão fiscalizador. Rajagopalan (2013) afirma que as inovações nessa nova linguagem estão literalmente "brotando" no solo do uso cotidiano, sendo despertadas, muitas vezes, pelas conveniências momentâneas.

O único limite sobre a criatividade solta é a capacidade por parte do receptor da mensagem de decifrá-la. Mas isso quer dizer também que os limites estão constantemente sendo ampliados, à medida que os usuários se familiarizam com o novo "código" em construção. (RAJAGOPALAN, 2013: pag. 48)

Não se pode esquecer de outro fator igualmente importante e muito significativo, que seria o fato de que nem sempre os participantes de uma rede compartilham as mesmas circunstâncias linguísticas, sociais, culturais etc. Este fato deve-se à internet desconhecer qualquer barreira arbitrária, como as fronteiras entre nações, pátrias, línguas, entre outras.

2. METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Os procedimentos utilizados durante a pesquisa e a coleta de dados são componentes metodológicos importantes serão abordados respe e presentes neste trabalho, pois neste capítulo serão abordados respectivamente em suas subseções para a compreensão da pesquisa. Essa metodologia tem como objetivo nortear o pesquisador, desde a raiz do problema e seus questionamentos até a conclusão do trabalho, mostrando o resultado que pode afirmar ou falsear a hipótese.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Dentro da primeira etapa da pesquisa, realizou-se um levantamento bibliográfico acerca da produção científica sobre o tema relacionado à pesquisa como: história da linguagem, diversidade linguística, fala e escrita, história da comunicação e sobre o desenvolvimento dos meios comunicacionais, história da gramática e sua evolução. Cada informação apresentada neste trabalho foi extraída de diversos livros e artigos acadêmicos que discutem acerca do tema.

Posteriormente, realizou-se a pesquisa de campo, na qual foram realizados levantamento de dados a partir de uma abordagem qualitativa-quantitativa, o que implica em uma pesquisa produzida acerca da temática, dos questionamentos levantados, discutidos e respondidos ou não. Já a quantitativa com toda informação numérica resultante da investigação, que se apresentará como um conjunto de quadros, tabelas e medidas.

Quanto aos objetivos da pesquisa, que se define em bibliográfica, de campo e quanti/qualitativa, observa-se a presença da exploratória e a descritiva que são fatos observados, analisados, registrados, classificados e interpretados, sem interferência do pesquisador, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados como questionários e observações através da mídia social Facebook, definindo a relação da pesquisa bibliográfica com a de campo.

2.2. MÉTODO DE ABORDAGEM

Após a análise dos diversos tipos de abordagem, concluiu-se que o método com maior eficácia para o tema escolhido foi o hipotético-dedutivo, pois a pesquisa em questão teve como base a construção de hipóteses que foram submetidas a testes, questionários, observações sistemáticas.

2.3. MÉTODO DE PROCEDIMENTO

A pesquisa foi motivada pela tentativa de constatar ou não, a influência da utilização frequente de variações linguísticas na internet (ou internetês) na escrita formal de alunos de uma escola pública, visto que os adolescentes estão cada vez mais adeptos a esta prática.

No primeiro momento utilizou-se a pesquisa exploratória, realizando a seleção do material bibliográfico para fundamentar a pesquisa de campo. Os instrumentos utilizados na escola-campo foram os questionários, distribuídos para o professor da turma e para os alunos.

A pesquisa também necessitou de uma análise estatística, nesse sentido utilizou-se o método estatístico que se fundamenta nos conjuntos de procedimentos apoiados na teoria da amostragem, qual é indispensável no estudo de certos aspectos da realidade social, e através da terceira etapa do processo por meio de análise dos dados, qual serviu de apoio para o método comparativo com o que se realizou comparações com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências.

Com base nisso, observou-se que a abordagem se dá de forma quantitativa, na medida em que foram analisados os resultados relativos aos questionários preenchidos pelos sujeitos. A pesquisa direcionou-se através de uma metodologia que, a partir do levantamento de dados, buscou evidências para mensurar o “internetês” e sua relação com o entendimento da norma culta dos alunos. A pesquisa foi concretizada com uma análise qualitativa através da compreensão dos dados.

2.4. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO DA PESQUISA.

A escola pública estadual selecionada para a realização da pesquisa de campo deste trabalho fica localizada no Município de Macapá, no centro da capital, como

mantenedora oficial o Governo do Estado do Amapá, através da Secretaria de Estado da Educação.

Busca-se através desta instituição a implantação do atendimento à Educação na comunidade amapaense conforme a Lei nº 9394/96 (Art. 35 e 36) do Ensino Médio. Uma escola é criada, sempre, a partir das necessidades do povo, da garantia de que a Educação é um direito constitucional, e deve ser respeitado pelo poder público.

2.5. SUJEITOS INFORMANTES

A pesquisa teve como público alvo os alunos de 1 (uma) turma com faixa etária de 16 (dezesesseis) a 18 (dezoito) anos, cujo 19 (dezenove) são meninos e 16 (dezesesseis) são meninas, totalizando 35 (trinta e cinco) alunos; a professora da disciplina de Língua Portuguesa, qual em média tem cinquenta (50) anos e é graduada em Letras.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES FEITAS EM CAMPO

Para que se chegasse ao objeto de estudo desta pesquisa foram aplicadas as seguintes atividades em campo:

Primeira atividade: De maneira lúdica e casual, foi explanado acerca dos assuntos: norma culta, gramática, variações linguísticas e internetês.

Segunda atividade: Houve um debate acerca da utilização das variações linguísticas, especificamente do internetês, e sua frequente utilização no dia a dia.

Terceira atividade: Aplicou-se questionários aos alunos, com questões subjetivas indagando a visão dos mesmos acerca da norma culta, das variações linguísticas e do internetês; aplicou-se um questionário à professora, interrogando seu ponto de vista em relação à utilização da internet em sala de aula e se há a interferência dessa variação linguística dentro dos trabalhos dos alunos.

Após o trabalho de pesquisa e coleta de dados, foi feita a análise das respostas dos sujeitos participantes, buscando-se comparar as informações com a realidade observada durante a investigação na instituição de ensino e na rede social

Facebook. Essa análise foi baseada na percepção dos teóricos que discutem a temática, pois oferecem suporte teórico-metodológico para se compreender o fenômeno estudado.

3.2 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DA TURMA INVESTIGADA

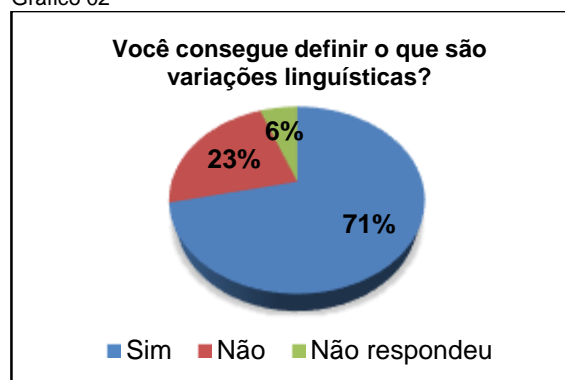
Gráfico 01



Fonte: pesquisa de campo

Observa-se através da leitura do gráfico 01 que boa parte dos alunos possuem uma boa compreensão da norma padrão da língua portuguesa e como é utilizada em nosso dia-a-dia. Os 17% que não tinham uma compreensão do que seria a norma padrão responderam que a norma padrão seria a forma correta de falar, não de escrever. Muitos alunos acreditam que a escrita é ligada a fala, ou seja, que a gramática também é aplicada dentro da fala.

Gráfico 02



Fonte: pesquisa de campo

Dentro desse questionamento (gráfico 02), muitos alunos definiram as variações linguísticas como o movimento natural da língua que falamos, ou como as várias formas de se comunicar informalmente. Outros definiram como a utilização de palavras regionais. Somente 23% não compreenderam o que seria a variação

linguística, pois acreditavam que estas eram conjuntos de palavras que possuem o mesmo sentido, só que escritos de formas diferentes.

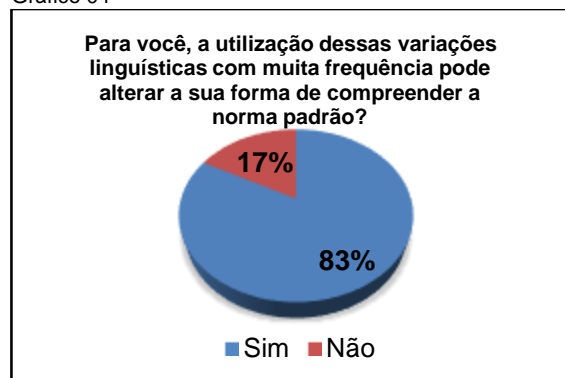
Gráfico 03



Fonte: pesquisa de campo

Grande parte dos alunos utiliza abreviações, como podemos analisar no gráfico 03, ou seja palavras compactadas, como “vc”, “pq”, “lgl”, “blz”. Outros já exemplificaram com gírias em inglês, como: “very sad” (muito triste), “crush” (paquera ou pessoa qual você tem interesse em se relacionar), “fake” (falso), “ship” (vem de “to ship” que significa apoiar um relacionamento mesmo que ele não exista), “OMG” (oh meu Deus). Através da observação online, pode-se constatar que os alunos que utilizavam a rede social Facebook não escreviam em seus perfis as gírias que costumam usar em sala de aula, porém utilizavam o recurso do “meme” para se expressar com mais facilidade.

Gráfico 04

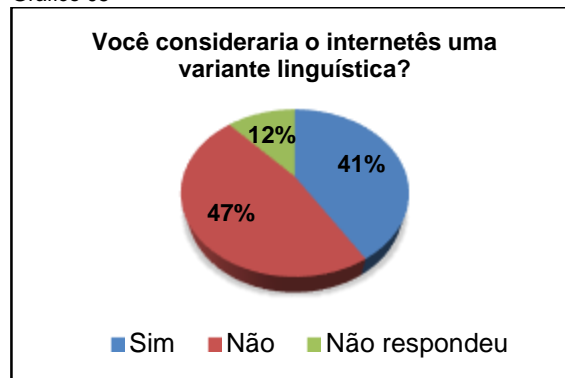


Fonte: pesquisa de campo

Muitos alunos dispuseram do argumento de que se utilizarem as variações linguísticas da internet com muita frequência, acabariam se atrapalhando na hora de tentar compreender a norma padrão - como mostra o gráfico 04. Grande maioria utilizou a justificativa de que a frequência no uso dessas linguagens acabaria

acostumando a nossa forma de se expressar e não saberia dissociar o momento em que seria adequado usar a norma padrão e as variações linguísticas.

Gráfico 05



Fonte: pesquisa de campo

Para a maioria dos alunos pesquisados (47%, como demonstra o gráfico 05), o internetês não seria considerado uma variação linguística, mas apenas um jeito de interagir mais rápido, e se fosse considerado uma variação como as outras (como por exemplo as variações linguísticas regionais), geraria uma incerteza se todos conseguiriam diferenciar o certo do errado. Porém 41% dos alunos acreditam o internetês deveria ser considerado uma variação linguística, tendo em vista que são dialetos da internet, que alteram a forma padrão e por haver essa modificação, já se torna uma variação.

3.3 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO A PROFESSORA

A professora de língua portuguesa regente da turma pesquisada disse que os alunos frequentemente verificam as redes sociais, e em algumas vezes, o professor solicita a utilização da internet em sala de aula, porém boa parte das vezes os alunos verificam seus celulares mais como passatempo, o que prejudica o desempenho da aula e até mesmo a produção de alguns trabalhos escritos.

A docente diz sempre abordar o assunto de variações linguísticas, explanando acerca dos tipos de ambientes adequados para cada variação. Ressalta que busca explicar acerca dos diferentes tipos de linguagem, na tentativa de excluir o preconceito linguístico alimentado pelos alunos e o vício de correção gramatical existente dentro de alguns ambientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de pesquisa de campo aplicada aos alunos de ensino médio da rede pública para verificação se estes conheciam as variações linguísticas utilizadas na internet (redes sociais) foi recebida de maneira bastante receptiva, tanto da parte pedagógica da instituição quanto da parte dos educandos. Os alunos que participaram desta pesquisa foram interativos, debateram e tiraram dúvidas com os pesquisadores em relação a utilização da norma culta e do que seria o internetês.

Observou-se que a maioria dos alunos não compreendia que o internetês é uma variação linguística, assim como não sabia que a linguagem adotada por eles dentro da internet possuía uma nomenclatura. No questionário, os discentes apresentaram um pré-conceito em relação ao estudo dessa linguagem mais informal que o internetês nos aponta, não considerando-o uma variação linguística a ser estudada.

Mediante a análise dos questionários e com base nas observações realizadas, constatou-se que o internetês não interfere diretamente na escrita formal da maioria dos alunos entrevistados, tendo em vista que os questionários foram realizados de forma subjetiva para obter-se uma resposta precisa acerca do principal problema desta pesquisa.

Se levarmos em consideração somente a palavra da professora em relação a interferência do internetês na escrita padrão dos alunos, a principal hipótese de nosso projeto de pesquisa seria declinada, pois esta afirma que já percebeu a interferência desta variação em alguns trabalhos apresentados pelos alunos. Entretanto não pode-se confirmar esta informação por falta de documento que comprove essa interferência (trabalho escrito).

Portanto todas as hipóteses criadas no projeto de pesquisa foram confirmadas. Não há interferência do internetês na escrita padrão dos alunos; a maioria utiliza abreviações e estrangeirismos, sendo os mais frequentes de origem estadunidense. Confirmou-se também a hipótese acerca da preocupação da professora de língua portuguesa com a utilização frequente do internetês, pois a mesma acredita que essa nova linguagem influencia no aprendizado da norma culta da língua portuguesa.

**THE LINGUISTIC VARIATIONS IN THE CONTEXT OF THE INTERNET: a
critical analysis of the use of Facebook.**

ABSTRACT

This research proposed the topic of study *The linguistic variations in the context of the internet: a critical analysis of the use of Facebook*, questioning if the frequent use of the linguistic variations used in the internet could or could not influence the learning of the Brazilian grammar in the students of the third year at high school. The general objective of this research is to find out if the frequent use of the linguistic variations in the social network Facebook affects the formal written productions of the students. The hypothesis created in the research project was that the frequent use of this new linguistic variation does not affect the formal written production of the students. In this way, for the accomplishment of the work, several bibliographic sources were consulted: authors who dedicated themselves to write books and articles that approach to this subject, like: David Crystal (2010), Rajagopalan (2013), Thurlow (2001), Cipro Neto (2009), Rousseau (1989), Martim (2003) and Weedwood (2002); Later, the field research was developed through a qualitative-quantitative approach, through a small approach on the subject of linguistic variations and grammar. Later, the researchers have applied questionnaires with open questions to the teacher and the students about the use of Internet and its possible interference with the grammar learning, besides collecting data from students who made their Facebooks available for the online observation. After the analyzing we made about the questionnaires and in the observation by the social network Facebook, it has verified that there is no interference of the Internet in its formal written productions.

Key-words: Linguistic variations. Facebook. Grammar. School. Teacher. Students.

REFERÊNCIAS

- BAITELLO, Norval. **Comunicação, mídia e cultura**. Revista da fundação Saede. V. 12/no. 4. Out/Dez 1998. São Paulo.
- BARTON, Ellen L. **The Grammar Of Telegraphic Structures: Sentential and Nonsentential Derivation**. Journal of English Linguistics, 1998.
- BERLO, David K. **O processo da comunicação**. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BRITO, P.. **Concepções de linguagem e ensino de língua**. In. Fugindo da Norma. 1992.
- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. 1. ed. São Paulo: Braziliense; 1982.

- BOTT, Elizabeth. **Family and Social Networks**. London, Tavistock, 1957.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. Scipione, São Paulo, 2001.
- CIPRO NETO, Pasquale. **Entrevista interativa**, 26 fev. 2009. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/entrevistas/interativa/educadores_pais/entrevista019.asp>. Acesso em: 04 de abril de 2017.
- CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language: it's nature, origin and use**. New York: Praeger, 1986.
- CRYSTAL, David. **How Is The Internet Changing Language Today?** 2010. Entrevista. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=P2XVdDSJHqY>>. Acesso em: 08 de maio de 2017.
- DUARTE, Vânia Maria Do Nascimento. **Variações Linguísticas**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em 08 de maio de 2017.
- ECKERSLEY, C. E. **Brighter Grammar**. London: Longman, Green & Co. Ltd., 1955
- FREITAS, Eduardo de. **Terceira Revolução Industrial**. Mundo Educação. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>>. Acesso em: 01 de junho de 2017.
- GÊNESES, In: **A Bíblia: tradução ecumênica**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino – exercícios de militância e divulgação**. Campinas, Mercado de Letras, 1996a.
- LEINER, et al. **Brief History Of The Internet**. Publicado em 15 de outubro de 2002. Disponível em: http://www.internetsociety.org/sites/default/files/Brief_History_of_the_Internet.pdf. Acesso em 04 de maio de 2017.
- MARTIM, Robert. **Para Entender a Linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.
- MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem**. New York: McGraw Hill, 1964.
- MENEZES, E. **Fundamentos sociológicos da comunicação**. In : Adísia Sá (coord.). Fundamentos científicos da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 146-205.
- PHILLIPS, Sarah. **A brief history of Facebook**. . Publicado em 25 de julho de 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2007/jul/25/media.newmedia>. Acesso em 08 de maio de 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **The Politics of Language and the Concept of Linguistic Identity.** 2001. Disponível em: <http://www.cvc.cervantes.es/literatura/cauce/pdf/cauce24_03.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017

_____. **Como o internetês desafia a Linguística.** In: SALIÉS, Tânia G; SHEPHERD, Tania G. **Linguística da Internet.** São Paulo: Contexto, 2013.

ROUSSEAU, Jean –Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989

STANDAGE, Tom. **The Victorian Internet: the Remarkable Story.** Bloomsbury, USA: Walker & Company, 1998.

STEARNS, Gerald. **McLuhan: Hot and Cool.** Montréal: McGill-Queen's University Press, 1981.

THURLOW, Crispin. **The Internet and Language.** In: MESTHRIE, Rajend. Concise Encyclopedia of Sociolinguistics. Oxford: Elsevier, 2001.

TOPPING, K. **Electronic Literacy in School and Home: a Look into the Future.** 1999. Disponível em: <<http://www.readingonline.org/international/future/intex.html>>. Acesso em: 11 abr. 2017

TOSCHI, Luca. **Hypertext and Authorship.** In: NUNBERG, Geoffrey (org.). **The Future of the Book.** Berkeley, CA: University Of California Press, 1996.

WEEDWOOD, Bárbara. **História Concisa da Linguística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.